

Caderno de Aulas

Curso: Filosofia

Módulo: Julgamento de Sócrates



Professor Victor Sales Pinheiro

Referências principais:

Eutífron; Apologia de Sócrates; Críton; Fédon. Edição Bilingue. Coleção Os Diálogos de Platão. Vols. 2, 5 e 6. Tradução Carlos Alberto Nunes. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011-2015.



Curso: Direito - Módulo: Teorias da Justiça
Apresentação

I. Dialético é como o fundador da Filosofia, Platão, designou o filósofo. Partindo da noção coloquial de conversa, dialética significa articular o dado particular com o princípio universal a que ele pertence e relacioná-lo com o todo da realidade. A alteridade da interlocução permite a continuidade da pergunta, da dúvida construtiva, impedindo a imobilização do pensamento numa resposta definitiva. Nesse contexto, o site explora a relação de oposição e convergência do pensamento clássico e do moderno, na ética, no direito, na política e na estética.

II. O Curso de Filosofia explora as principais questões da reflexão filosófica, sua origem em Platão e sua neutralização com Nietzsche, com diferentes metodologias de contextualização e interpretação de autores, comentadores, obras, temas e períodos históricos, tendo como marco a tradição clássica de Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino.

III. O Módulo *Julgamento de Sócrates* apresenta os diálogos *Eutífron*, *Apologia de Sócrates*, *Críton* e *Fédon* - que dramatizam o evento fundamental da história da Filosofia, o julgamento e morte de Sócrates, enfatizando a dimensão moral, pedagógica e intelectual retratada por Platão. São muitos os temas abordados nesses textos: a atividade do filósofo, o conflito com a cidade, o conceito de justiça, a natureza do conhecimento e a imortalidade da alma.

IV. Sumário

Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos	p.3
Aula 2. Eutífron: Tentando definir de Piedade e Justiça	p.9
Aula 3. Apologia I: nem naturalista, nem sofista, mas filósofo	p.14
Aula 4. Apologia II: Uma vida não examinada não merece ser vivida	p.19
Aula 5. Critón: justiça e fidelidade	p.22
Aula 6. Fédon I: Filosofar é aprender a morrer	p.25
Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação	p.31
Bibliografia	p.37

Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos

I. Introdução hermenêutica: contexto dramático dos diálogos

1. Contexto histórico-biográfico do autor

1. Platão (428-348a.C.): Carta VII, autobiográfica:

1.1. Aristocracia ateniense (ascendência de Sólon; Crítias, Cármides):
Educação *paidêutica*: ginástica e música

1.2. Política e Poesia (Tragediógrafo): Iniciação na vida política - pai

1.3. "Conversão" pessoal à Filosofia (Sócrates) - Rasga as suas tragédias para se dedicar a um novo gênero literário

1.4. Em 399a.C, morte de Sócrates: Platão tem 29 anos

1.4.1. Próximos 50 anos meditando sobre a vida e morte dele

1.4.2. Política – conselheiro de tiranos (Dionísio, amigo do seu cunhado Dion)

1.4.3. Filosofia – Academia (383)

1.4.4. Personagem filosófico: sua máscara

15..Três grandes interesses:

1.5.1. Política - Cidade de Atenas (Dilema: Atenas x Sócrates)

1.5.2. Poesia – Criação Literária (Mimesis), Homero, Sófocles...

1.5.3. Filosofia (Sócrates)

1.5.3.1. Pré-Socráticos (Fisiólogos, Parmênides, Heráclito) –
Physis; Pitágoras– orfismo: imortalidade da alma
(*metempsychose*); conhecimento como lembrança
(*anamnese*)

1.5.3.2. Sofistas – **Nomos**

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos

2. **Guerra do Peloponeso** (431-417a.C.) – Péricles, Alcibíades - Tucídides
 - 2.1. Derrota militar e “moral” a Esparta – *espartophilia*
 - 2.2. Perda do império ateniense: Liga do Peloponeso - vários estados helênicos, contra os persas
 - 2.3. Crise política, espiritual – “*anomia*” democrática
 - 2.4. Campanha catastrófica a Sicília – Alcibíades
 - 2.5. Histeria religiosa – profanação dos mistérios, sacrilégio
 - 2.6. Democracia – oligarquia - tirania
 - 2.7. 30 tiranos (recuperação da *patrios politeia*)
 - 2.8. Guerra Civil – desordem geral
 - 2.8.1. Execução de Sócrates: crime de impiedade e corrupção da juventude**
 - 2.8.2. Democracia e Retórica (Sofistas) – educação como transferência de virtude, conhecimento, retórica como “poder” da palavra
 - 2.9. Contribuição à “política” pela educação (formação), filosofia: (VII, 326)
 - 2.10. Decadência da “Era de Ouro” (Péricles)
 - 2.10.1. Embriaguez dionisíaca e “*hybris*” (desmesura) de Alcibíades;
 - 2.10.2. Problema político é moral e pedagógico, educação dos desejos (Eros) – Dionísio e Apolo

II. Contexto literário da obra: forma literária dos diálogos (história da recepção hermenêutica: fusão de horizontes)

1. Princípio da autonomia textual do diálogo

1.1. Contextos dramáticos autônomos (conversas)

1.2. Mimesis da “conversas” de Sócrates

1.2.1. Reprodução da conversa (oral) de Sócrates

1.2.2. Diálogo e teatro: a dramatização do pensamento (Reflexão – especulação, ver-se no palco)

1.2.3. Contexto dialógico-existencial e insurgência do pensamento

1.2.4. Abertura dialógica e a ausência de uma “doutrina sistemática”

1.2.5 Anonimato do autor: Sócrates não é o único protagonista (Estrangeiro de Eleia, no *Sofista* e *Político*; o *Timeu*, o *Ateniense*, nas *Leis*)

2. Moderna interpretação de Platão: Métodos filológicos como a estilometria

2.1. Classificação em três fases (métodos e temas)

A. Socráticos (éticos, elenchus-refutação, aporéticos): “o que é virtude?” (Apologia, Críton; Eutífron, Laques, Cérmidas, Líside; Protágoras e Górgias; Hípias, Alcibíades – discurso de Sócrates “contra” Agatão)

B. Maduros (Clássicos - dramáticos): formas, imortalidade da alma, mito; mais “doutrinários” (resolutivos) do que aporéticos (Menon, República e Fédon; Banquete e Fedro)

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos

C. Tardios (menos dramáticos e poéticos, mais analíticos; diminuição do protagonismo de Sócrates): revisão da hipótese das formas (Parmênides, Sofista e Político; Filebo e Teeteto; Timeu e Crítias; Leis)

2.2. Pressuposto “evolucionista” de desenvolvimento e superação

2.3. Atenção à forma literária do diálogo

2.3.1. Contexto dramático dos problemas filosóficos

2.3.2. Alcance do interlocutor

3. Associação dramática e temática: Julgamento de Sócrates

3.1. Melhor introdução à Filosofia: Apologia (defesa) da vida do filósofo

3.2. Conjunto de 4 diálogos:

3.2.1. Três da fase inicial: *Eutífron*, *Apologia*, *Criton*

3.2.2. Um da fase madura: *Fédon*

3.3. Ordem dramática:

3.3.1. *Eutífron* – audiência preliminar de Sócrates no Tribunal (Religião)

3.3.2. *Apologia* – Defesa perante o tribunal democrático

3.3.3. *Criton* – proposta de fuga; conversa íntima com seu mais antigo amigo

3.3.4. *Fédon* – conversa derradeira com círculo íntimo

3.4. *República*: Defesa da vida filosófica, honesta e reta contra a sofística, cínica e relativista. É melhor sofrer o mal do que praticá-lo. Ao tentar libertar os prisioneiros, o filósofo é morto por eles

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos

4. Dois temas gerais interligados:

- 4.1. Justiça Política e Religiosa (Piedade) - Religião Civil
- 4.2. Sentido da vida e da morte – justiça “filosófica”
 - 4.2.1. Dever do filósofo de ensinar, mesmo que isso lhe custe a vida
 - 4.2.2. Sertillandes, *A vida intelectual*. “Só se age com plenitude em prol das causas pelas quais se aceitaria morrer” (p.164)

5. Ironia: desafio de entender o que realmente Sócrates pensa

6. “Nosso” Julgamento de Sócrates

- 6.1. O juízo que um filósofo tem de Sócrates revela quem ele é
- 6.2. Cristo (em Cesaréia de Filipe; Mt. 16: 13-15)
 - “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”
 - “E vocês, quem dizem que eu sou?”
- 3. Polêmica literária sobre a personalidade de Sócrates
 - 3.1. Vários detratores (Aristófanos)
 - 3.2. Vários seguidores
 - 3.3. Platão: reconstituição histórica e filosófica de Sócrates:
Toda morte é a tentativa de apagar a vida de alguém, de excluir a influência da sociedade. Platão tenta subtrair Sócrates da morte, pelo menos num sentido cultural.

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 1. Introdução: contexto dramático dos diálogos

7. Inversão: Sócrates julga Atenas e nos julga: ao ser julgado por Atenas, Sócrates a julga a cidade mais sábia da Hélade

8. Significação cultural incomparável: o que é a vida e a morte filosófica? Vida que só se revela na hora da morte .

8.1. “Mito fundador” da filosofia

8.2. Fascinação da virtude da integridade e veracidade

8.3. Sócrates não convenceu o público da sua inocência e da sua grandeza, mas Platão convenceu a Cultura Ocidental da importância da Filosofia (Erasmus de Roterdã, clérigo: “Sante Socrate, ora pro nobis”)

9. Morte de Sócrates e vida da Filosofia

Aula 2. Eutífron: Tentando definir de Piedade e Justiça

I. Introdução

1. Tensão entre o filósofo e a comunidade política
2. Diálogo performático (e não narrado, como a *República*): apenas Sócrates e Eutífron
3. Pergunta “O que é (uma virtude)?” : Método “elenchus” : interrogatório, refutação
4. Eutífron é uma “autoridade” (13e):
 - 4.1. “te vanglorias de ser o mais sábio dos homens no conhecimento das coisas divinas”
 - 4.2. Capaz de ajudar Sócrates a instruir-se na “ciência das coisas divinas” para defender-se da acusação de Méleto
5. O que é a piedade (virtude da religião)?
 - 5.1. Dimensão “teológica” : deveres com os deuses (polis, natureza)
 - 5.2. Dimensão “política” : deveres com a cidade
6. Estrutura do diálogo
 - I.. Prólogo (2a-5d)
 - II. 1ª definição (5d-6e)
 - III. 2ª definição (6e-11b):
 - IV. Intermédio (11b-11e)
 - V. 3ª definição (11e-14a)
 - VI. 4ª definição (14ª-15c)
 - VII. Conclusão (15c-16a)

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 2. Eutífron: Tentando definir de Piedade e Justiça

I. Prólogo (2a-5d)

1. Local: Tribunal religioso ("Pórtico do Rei-Arconte"): Audiência preliminar, antes do julgamento
2. Contraponto
 - 2.1. Sócrates é acusado por Méleto de criar novos deuses
 - 2.2. Eutífron acusa o pai (que deixou um criado assassino morrer)
3. Sócrates aprendiz de Eutífron (ironia)
4. Requisito de toda definição "essencial" : o *eidos* ou a *idea* da piedade: "Por isso, em nome de Zeus, explica-me o que seja, na tua **opinião**, piedoso ou ímpio, tanto em relação ao homicídio como com tudo o mais [em geral, em abstrato, em universal]. Porventura, o que é piedoso não será igual a si mesmo em todas as ações, e, inteiramente oposto a ele, o que for ímpio, porém sempre igual a si mesmo, e sempre com uma **forma única**, enquanto ímpia, no que diz respeito à impiedade?" (5c-d)
 - 4.1. Pedido de definição
 - 4.2. Partida da opinião de uma autoridade (acusador)
 - 4.3. Forma única: "ideia" (eidos) universal, invariável (eterna e imutável), não perspectivística
 - 4.4. Fundamento ontológico: idéia geral que faz que todos os atos piedoso sejam piedosos
 - 4.5. Função moral: contemplar essa ideia geral, como paradigma, para aferir a (im)piedade das ações

II. 1ª definição (5d-6e)

1. Piedade é perseguir quem cometeu uma injustiça, independente de quem seja (mesmo o pai ou a mãe)
2. Sócrates repele os mitos tradicionais: deuses que guerreiam (antecipa a 2ª refutação: não há unidade entre os deuses)
3. 1ª refutação:
 - 3.1. Não define, mas exemplifica, com o seu próprio caso (autorreferente)
 - 3.2. Há coisas que também são piedosas

III. 2ª definição (6e-11b):

1. 1ª formulação: a piedade é o que é caro aos deuses
 - 1.1. Atende aos critérios formais da "idéia" : universalidade e abstração
 - 1.2. Contradição lógica interna: politeísmo, divergência entre os deuses
 - 1.2.1. Princípio lógico da não-contradição
 - 1.2.2. Referente não unitário
 - 1.2.3. Relativismo (tipicamente sofístico): ambivalência (8c-d)
2. 2ª formulação: a piedade é o que é caro a **todos** os deuses
 - 2.1. Distinção dialética de causa e efeito
 - 2.2. O que é pio é amado pelos deuses por ser pio (em si mesmo)
 - 2.2.1. Piedade existe nela mesma, seu conteúdo independe dos deuses

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 2. Eutífron: Tentando definir de Piedade e Justiça

2.2.2. Os deuses, eles mesmos, devem se adequar ao que é pio e amá-lo (questão da crítica de arte e da beleza da arte: **autoridade e objetividade**)

2.3. Ou é pio porque é amado pelos deuses (o amor dos deuses é a causa de as ações serem pias)

2.4. Paradoxo teológico do Eutidemo: arbitrariedade do amor x delimitação da onipotência divina em respeito a normas objetivas e independentes

IV. Intermédio (11b-11e):

1. Pedido de definição: “o que é em si piedoso” – natureza, essência
2. Resposta: qualidade: o que é amado pelos deuses
3. Caráter movediço do logos

V. 3ª definição (11e-14a)

1. Piedade é uma espécie do gênero Justiça: Tudo que é pio é justo (mas nem tudo que é justo é pio, pois há outras categorias ou espécies de justo, além do pio)

2. Diferença

2.1. 1ª formulação: a piedade é **cuidado** com os deuses: Cuidado é tratamento (médico, p.e.), levar o bem ao “paciente”

2.2. 2ª formulação: a piedade é **serviço** aos deuses

2.2.1. “Má fé” sofística de Sócrates (13d) - Serviço para os deuses (pacientes, aperfeiçoá-los)

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates
Aula 2. Eutífron: Tentando definir de Piedade e Justiça

2.2.2. Serviço dos deuses (ajudá-los na consecução dos seus objetivos)

2.2.3. Apologia (30a): Sócrates age a serviço de deus (missão divina)

VI. 4ª definição (14a-15c) (desdobramento da 2ª formulação da 3ª definição)

1. Piedade é o conhecimento das **orações** e **sacrifícios** aos deuses:
Contato, comércio; Útil e amado pelos deuses
2. Circulo vicioso – aporia

VIII. Conclusão (15c-16a)

1. Desafio da vida filosófico à religião ortodoxa (dogmática)
2. Investigação da justiça para melhor entender a piedade: Justiça política e ética
3. Vida melhor – vida boa, feliz

Aula 3. Apologia I: nem naturalista, nem sofista, mas filósofo

I. Introdução

1. Considerações gerais

1. O mais lido e famoso texto da filosofia ocidental
2. Melhor introdução à filosofia de Platão e à filosofia como um todo
 - 2.1. porta de entrada de fascinação por Sócrates
 - 2.2. como **vive** o filósofo, como ele **pensa**
3. Título: *Apologia* – contestação (peça jurídica de defesa contra as alegações que lhe foram imputadas)
4. Diálogo performático (não narrado):
 - 4.1. Interlocutor: Meleto, Povo Ateniense
 - 4.2. Discurso mais público (*Fédon*: esotérico-íntimo; Apolo: oráculo público)
 - 4.3. Platão estaria presente (*Fédon*: ausente; daimon: oráculo privado)

2. Contexto histórico: 399 a.C., começo do século IV a.C.

1. Defesa de Platão a Sócrates: Como a cidade democrática de Atenas não o entendeu, Platão lhe mostra o que, de fato, Sócrates pensava, e o que fez.
2. Verossimilhança e recriação
3. Decadência da democracia
4. Cronologia de Atenas (a.C.)
 - 4.1. 450-433. Primeiro, tem Péricles como tutor
 - 4.2. 431-404 - GUERRA DO PELOPONESO: Esparta vence Atenas

Aula 3. Apologia I: nem naturalista, nem sofista, mas filósofo

- 4.3. 430. Peste que dizimou Atenas e matou Péricles (quem o substituiria?)
- 4.4. 420- líder dos **democratas radicais** que dominam Atenas – imperialistas
- 4.5. 415- fracassada **expedição de Sicília** de Alcibíades
- 4.6. 411. Governo oligárquico misto: Conselho dos Quatrocentos e Assembleia dos Cinco Mil
- 4.7. 407. Retorno de Alcibíades e tirania em Atenas
- 4.8. 404. Governo oligárquico, liderado por **Crítias**. “Tirania dos Trinta” , subordinada ao comando espartano de **Lisandro**, chefe que garantiu a vitória definitiva de Esparta
- 4.9. 403. **GUERRA CIVIL** entre oligarcas (**Crítias** e **Cármides**) e democratas (Trasíbulo). Vitória dos democratas, auxiliados por Pausânias, rei de Esparta.
- 4.10. 399. Condenação de Sócrates (bode expiatório, mestre de Alcibíades, Crítas e Cármides, jovens que desempenharam papel negativo na vida política ateniense). Fracasso da pedagogia de Sócrates de reformar a cidade pela formação dos dirigentes (elite)

3. Contexto jurídico

- 1. Aos 70 anos, Sócrates ainda não tinha sido processado, o que denota pouca participação na vida pública, uma vez que qualquer um podia processar outro por qualquer motivo, consoante uma cultura jurídica litigiosa e belicosa, em que todos sentem ter os seus direitos lesados (Eutífron)

Aula 3. Apologia I: nem naturalista, nem sofista, mas filósofo

2. Julgamento durava um dia inteiro, dividido em três partes:
 - 2.1. Acusação e proposição de pena
 - 2.2. Defesa
 - 2.3. Julgamento e estabelecimento da pena (ou proposição de pena alternativa)
3. Democracia participativa: tempo livre (ócio) de uma parte da sociedade para participação dos assuntos políticos, concernentes à polis
4. tribunal democrático: 501 juízes eleitos por sorteio (voluntários, mais de 30 anos, em gozo dos direitos civis - como os mesários eleitorais e os jurados, os "agentes honoríficos" do Direito Adm.)
5. Defesa própria (mesmo que se comprasse uma "tese" de um sofista "logógrafo" , um advogado de papel que escrevesse o discurso; também se poderia apresentar um "apoiador" , uma testemunha, parente ou filho para sensibilizar os juízes)
6. "elencos" (refutação)
 - 6.1. Jurídico – juízes democráticos ("muitos" testemunhos, povo)
 - 6.2. Filosófico (dialético) – interlocutor qualificado (inteligência individual)
 - 6.3. Interroga Meleto, transformando a dialética jurídica em filosófica

II. Primeiro discurso: sobre a culpabilidade de Sócrates

A) Primeiro discurso: sobre a culpabilidade de Sócrates

I. Exórdio (17a-18a)

II. Plano de desenvolvimento (18a-19a)

III. Refutação

1. dos acusadores antigos (19a-24b)

1.1. Parte negativa: o que Sócrates não é (19a-20c):

- a. ele não é um “pensador da natureza” (19a-d)
- b. ele não é um sofista (19d-20c)

1.2. Parte positiva: o que Sócrates é verdadeiramente; origem das calúnias que lhe são dirigidas (20c-24b)

- a. a resposta do oráculo (20c-21a)
- b. investigação sobre o sentido dessa resposta (21b-22e)
 - i. introdução (21b)
 - ii. os políticos (21b-e)
 - iii. os poetas (21e-22c)
 - iv. os “artesãos” (22c-e)

c. os resultados da investigação (22e-24b)

- i. origem das calúnias (22e-23a)
- ii. Sócrates compreende que Apolo lhe determina uma tarefa (23a-c)

Aula 3. Apologia I: nem naturalista, nem sofista, mas filósofo

iii. imitadores que aumentam a agressividade em relação a Sócrates (23c-e)

iv. reclamação de Méleto (23a-24b)

2. dos acusadores novos: interrogatório de Méleto (24b-28a)

2.1. introdução (24b-c)

2.2. educação (24c-26a)

a. 1º erro: sobre o conhecimento que aperfeiçoa o homem (24c-25c)

b. 2º erro: possibilidade de corromper intencionalmente alguém (25c-26a)

2.3. ateísmo (26a-27e)

a. interpretação da reclamação: Sócrates corrompe os jovens em relação à existência dos deuses (26a-e)

b. a contradição de Méleto (26e-27e)

2.4. conclusão (27e-28a)

3. conclusão geral (28a-b)

Aula 4. Apologia II: Uma vida não examinada não merece ser vivida

I. Digressão

1. 1ª objeção: o modo de vida de Sócrates é perigoso. Esse modo de vida, ao contrário, prova a piedade de Sócrates que se põe a serviço do deus (28b-31c)

1.1 Considerações sobre o "conveniente" (*kalón*) (28b-30c)

a. princípio geral: a tarefa conta mais do que a vida (28b-d)

b. aplicação ao caso de Sócrates: a ameaça de morte não o impedirá de cumprir sua tarefa (28d-30c)

1.2. Considerações sobre o "vantajoso" (*toóphelon*)

a. os acusadores não podem lhe causar nenhum mal (30c-d)

b. sua função de Sócrates beneficia Atenas (30d-31c)

2. 2ª objeção Sócrates deveria ter se engajado ativamente na vida política. Sua influência (pedagógica) nos jovens foi, porém, salutar. (31c-34b)

2.1. Sócrates foi dissuadido por sinal divino (31c-d)

2.2. é impossível de permanecer honesto quando se mistura na vida política de Atenas (31d-21e)

2.3. razão pela qual Sócrates entretém discussões, privadas, das quais ninguém está excluído (32e-33b)

2.4. sua influência nos jovens lhes foi salutar (33b-34b)

Aula 4. Apologia II: Uma vida não examinada não merece ser vivida

II. Peroração: Sócrates não suplica aos juízes

1. não é conveniente, nem a ele, nem a Atenas (34b-35b)
2. não é justo (35b-c)
3. não é piedoso (35c-d)

III. Segundo discurso: sobre o estabelecimento de uma pena

A. Introdução: Sócrates é reconhecido culpado por uma pequena maioria (35e-36b)

B. Proposições da pena

1. Em função do que Sócrates merece
 - 1.1. é um benfeitor da cidade e é pobre (36b-d)
 - 1.2. por conseguinte, ele merece ser alimentado às custas da cidade (36d-37a)
2. Em função das regras judiciais
 - 2.1. Sócrates não merece a pena: o exílio não lhe serve de nada (37a-38b)
 - 2.2. se os juízes insistem que ele proponha uma pena, Sócrates propõe uma multa de um mina, correspondente à sua pobreza; seus amigos propõem 30 minas (38b)

IV. Terceiro discurso (na verdade, conversa informal)

- I. aos juízes que o condenaram à morte (38c-39d)
 - 1.1. introdução: a responsabilidade deles (38c-d)
 - 1.2. comparação entre Sócrates e seus acusadores (38d-39b)
 - 1.3. prenúncio de Sócrates: castigo sobre os acusadores – crescimento da crítica a respeito deles (39c-d)
2. aos juízes que o absolveram (39e-42a)
 - 2.1. o sinal divino não lhes aponta qualquer perigo (39e-40c)
 - 2.2. duas representações populares sobre a morte (40c-41c)
 - 2.3. Sócrates confia na Providência: pede-lhes que repreendam e admoestem os filhos dele (41c-42a)

Aula 5. Critón: justiça e fidelidade

0. Introdução

1. Contexto dramático: prisão, entre o julgamento (*Apologia*) e a execução (*Fédon*)
2. Diálogo performático (não narrado): distancia o leitor dos pensamentos de Sócrates – questão de saber se ele realmente concorda com as Leis de Atenas
3. Contexto: Critón acorda Sócrates de manhã cedo, na cela, para lhe propor uma fuga, já que o navio de Teseu já estava chegando, e ele seria executado em seguida
4. Sonho: mulher em vestes brancas, bela e graciosa, que o chama pelo nome: Sócrates, no solo fértil de Ftia, estaremos no terceiro dia.
 - 4.1. *Ilíada* IX: Aquiles recusa as lisonjas e suborno de Agamenon, voltando para casa, se os deus lhe permitirem bom clima
 - 4.2. Substituição do herói trágico; Herói do conhecimento, impassível, calmo, imperturbável
 - 4.3. Responsabilidade moral
4. Três partes: Critón, Sócrates, Leis

I. CRÍTÓN

1. amigo de infância de Sócrates, confiando-lhe a educação de seu filho, Critobolo
2. rico, agricultor, “amigo do povo”

Aula 5. Critón: justiça e fidelidade

3. responsável pelas providências materiais da morte de Sócrates, inclusive recebe a recomendação final de sacrificar um galo a Asclépio (*Fédon*)
4. responsável e pelo pagamento da dívida da pena (*Apologia*)
5. Organiza a fuga de Sócrates, seguindo a opinião do "povo" (dos muitos, *hoi polloí*)
 - 5.1. a morte causará uma tristeza irreparável no amigo enlutado
 - 5.2. o "povo" o considerará sovina ao ponto de não ter usado seu dinheiro para salvar seu amigo

II. SÓCRATES

1. Segue a **sabedoria** e os **sábios (conhecimento técnico especializado)**, e não as modas atuais do povo. Segue apenas o justo e o nobre, e não a opinião do povo
2. argumentação moral: conclusão própria
3. recusa a moral de exceção e o raciocínio por contingência

III. LEIS

1. recurso retórico que o próprio Platão emprega ao retratar Sócrates em conversação com vários interlocutores, e de que o próprio personagem Sócrates se utiliza, no *Banquete*, por exemplo, ao representar a profetisa Diotima
2. Sócrates deve sua existência e bem-estar às Leis, por isso deve-lhes obediência

Aula 5. Critón: justiça e fidelidade

- 2.1. Possibilidade de **reformular** as Leis pela persuasão, não de revolucioná-las pela **transgressão e desobediência civil**
 - 2.2. Como cidadão, ele poderia ter deixado a cidade ou convencido a Polis (o Juri) sobre a justiça
 - 2.3. Contraste com o individualismo liberal das modernas doutrinas do contrato social
 3. Na Apologia, Sócrates ridiculariza o recurso de Meleto às Leis
 - 3.1. Como frenesi corimbântico, as Leis não seria racionais
 - 3.2. Leis apelam ao bom e vantajoso (em contraste com a justiça)
 4. dimensão **religiosa, irmãs das Leis do Hades (Mansão dos Mortos)**
 5. Conservadorismo e legalismo do Critón
 - x
- anarquia e anomia da Apologia
- 5.1. Sócrates não vai deixar de filosofar, mesmo que as leis o obriguem
 - 5.2. Mas não pratica a desobediência civil, de suspender as leis ou decisões injustas em nome da filosofia
 - 5.3. Filosofia não é anarquia ou anomia
6. Dois problemas subsistentes
 - 6.1. Primeiro, definição universal (critério geral); depois, a subsunção do caso particular (não raciocinar por exceção)
 - 6.2. bom moral x bom legal

Aula 6. Fédon I: Filosofar é aprender a morrer

0. Introdução

1. Contextualização na obra: Diálogos maturidade (platonismo clássico: República, Fedro e Banquete)
2. Complexidade do diálogo
 - 2.1. Moral – coragem do filósofo diante da morte
 - 2.2. Religiosa – orfismo, pitagorismo (mistérios iniciáticos)
 - 2.3. Filosófica - Metafísico
 - 2.4. Literária - Mito final
 - 2.5. Dramático - Participativo (pitagóricos iniciados: Cebes e Símiias)
3. Legado: “espiritualidade” filosófica, ascetismo (catarse) intelectual
4. Diálogo tem quatro partes fundamentais:
 - I. *Apologia*: Filosofar é aprender a morrer (64a-69e)
 - II. Imortalidade da alma
 - III. Segunda navegação (Autobiografia)
 - IV. Mito
 - V. Desfecho dramático: herói filosófico

I. Prólogo (57a-58d)

1. Natureza do relato
 - 1.1. Equécrates – demanda de um relato fidedigno, minucioso
 - 1.2. Fédon – testemunha ocular, presente

Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates

Aula 6. Fédon I: Filosofar é aprender a morrer

1.2.1. Banq. – Apolodoro reproduz fielmente o que lhe contou Aristodemo

1.2. tempo livre (ócio); prazer em tratar de Sócrates

1.3. Intervalo entre julgamento e morte

1.3.1. "acaso" (*tyché*)

1.3.2. Justificativa religiosa – devoção a **Apolo** (sol, luz da verdade; patrono do oráculo de Delfos, líder da Musas; inspiração artística e poética; o deus da Beleza, da Perfeição, da Harmonia, do Equilíbrio e da Razão)

1.3.3. Proibição da morte – purificação ritual

II. Introdução da narrativa (58e-61c)

1. Três tipos diante da morte

1.1. Fédon – sentimento ambíguo (Tema da pureza e da mistura, *Filebo*)

1.2. Sócrates - impávido

1.3. Apolodoro - desesperado

2. Três níveis de juízo

2.1. Experiência empírica - Liberação dos ferros

2.2. Hipótese filosófica (dialética) – unidade, alternância e interdependência dos contrários

2.3. Representação alegórica (Fábula de Esopo) – Zeus uniu as extremidades dos contrários pelas dissensões contínuas

3. Sócrates faz “poesia” (“filosofia como música mais nobre”)

3.1. Hino a Apolo

3.2. Fábulas de Esopo (alegoria moralizante)

4. Filosofia como caminho da sabedoria – preparação para a morte

5. Corpo imóvel

III. Argumento inicial (61c-64a)

1. Interdição do suicídio - não empregar a violência contra si próprio

2. *Melhor morrer do que viver*

3. Mistérios

3.1. corpo como cárcere da alma

3.2. deuses são guardiães dos homens (propriedades e escravos)

Punição aos que se insurgirem-rebelarem

4. Argumento de Cebes: Sábios insurgem-se contra a morte para permanecem sob a tutela dos deuses

5. Convicção de Sócrates: Ir junto aos deuses e homens melhores

6. Símas exige uma defesa de Sócrates (*Apologia*): Interlocutores – juízes

7. Interlúdio dramático

7.1. Críton – recado do carcereiro-algoz-carrasco

7.2. Desprezo de Sócrates

8. Hipótese *defendida* por Sócrates: **filósofo** não teme a morte, espera a participação nos mais valiosos bens. Problema moral: como agir perante a morte (sempre iminente)

IV. Filosofar – desejo de morrer (64a-69e)

A. HIPÓTESE CENTRAL

1. Filosofar – desejo de morrer
2. a morte é algo – existência da realidade

B. HIPÓTESE RELIGIOSA (órfico-pitagórica)

1. definição inicial – separação da alma e corpo: Libertação da alma, isolada em si mesma (*aute kat' aute*)
2. Mistérios – Hades
 - 2.1. Não iniciado, impuro – lamaçal
 - 2.2. Iniciado e purificado – deuses
3. verdadeiro iniciado – filósofo purificado pela vida inteira de ascese ("exercício espiritual")

C) ARGUMENTO ÉTICO (ascese-purificação do corpo, virtudes da temperança e fortaleza para alcançar a sabedoria – justiça política e escatológica)

1. filósofo dispensa os pretensos prazeres do corpo: comer e beber; amor (afrodisíacos)
2. objetivo da filosofia: ascese – retirar quanto possível a alma da companhia do corpo
3. virtudes da **CORAGEM** e da **TEMPERANÇA**
4. virtudes ilusórias:
 - 4.1. Coragem (na vida) por covardia-temor (da morte)

4.2. Temperança por intemperança (dieta por luxúria ou vaidade)

5. virtudes verdadeiras: sabedoria – purificação (*catarse*)

D. ARGUMENTO EPISTEMOLÓGICO (dualidade conhecimento sensível e inteligível)

1. sentidos corporais obstruem o conhecimento

1.1. Inexatos, inconstantes

1.2. Autoridade dos poetas

2. alma desprendida do corpo alcança, pelo pensamento, a manifestação da verdade ela mesma

E. ARGUMENTO ONTOLÓGICO (dualidade dimensão sensível e inteligível)

1. ideia inteligível, suprassensível – justo em si – essência, ser, natureza – o que a coisa é

2. pensamento puro – sem a mácula do corpo – conhecimento do ser (do que é)

3. objetivo – verdade

4. obstáculo e império do corpo – demandas físicas, eróticas; consequências. Bens fugazes, perecíveis, transitórios

5. resultado: guerras, dissensões (Guerra Tróia (Páris) x Gregos; Disputa entre Hera, Atena e Afrodite)

6. Scholé – tempo livre, desonerado das demandas do corpo

7. pureza da alma: consumação plena do desejo amoroso – encontro com a sabedoria

8. morte – liberação por uma divindade
9. verdade como encontro puro: alma pura – ideias puras
10. verdadeiros amantes-desejosos da sabedoria (*philomatheis*)
11. boa esperança – preparação-purificação da mente-alma
 - 11.1. Preparação-antecipação da morte
 - 11.2. Ausência de temor, revolta
12. Hades
 - 12.1. Reencontro com os entes queridos
 - 12.2. Encontro pleno como a verdade pura
13. (des)temor da morte – diferença entre amante da sabedoria e do corpo (Amante do corpo - dinheiro, fama)

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

I. IMORTALIDADE DA ALMA

1. Processo recíproco de geração; complementação dos OPOSTOS (70a-72e)
2. Conhecimento como REMINISCÊNCIA (72e-77a)
 - 2.1. Introduzido por Cebes, e não por Sócrates (Mênon)
 - 2.2. Depende de uma confiança na percepção sensível (que ele negou no primeiro argumento)
 - 2.3. Reminiscência implica conhecer a verdade nesta vida
3. Alma imaterial, simples e permanente

Corpo material composto e dispersível, desintegrável
4. Aceitação de que a alma preexiste; dúvida se ela subsiste à morte do corpo (77a-78b)
5. Metempsicose (78b-84b)
6. Interlúdio: o canto dos cisnes (84b-85b)
7. Objeção de Símiias (85b-86d)
 - 7.1. Imagem da lira
 - 7.2. Harmonia da alma depende da matéria do corpo
 - 7.3. Justa proporção
8. Objeção de Cébes (86de-88b)
 - 8.1. Imagem analógica do tecelão (alma) e da roupa (corpo)
 - 8.2. Alma não subsiste
 - 8.3. Decomposição do corpo – destruição da alma

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

8.4. Receio da morte é fundado na impossibilidade de se experimentá-la

9. Intermédio (88c-91c)

9.1. Desânimo pela incerteza

9.2. Delicadeza, cordialidade deferência de Sócrates

9.3. Perigo dos misólogos

9.4. Amigo da sabedoria (convencer-se a si mesmo, benefício próprio)

9.5. Verdade despessoalizada

10. Recapitulação (91c-92a)

11. Refutação da objeção de Símiias (92a-95a): Aprender é recordar x alma é harmonia

12. Transição: resumo do argumento de Cebes (95a-e): alma é durável, mas não imortal

II. AUTOBIOGRAFIA (95e-102a)

1. Ciência natural

2. Inteligência (Anaxágoras)

3. Segunda navegação (*meta-física, logos*)

4. Hipótese da *participação* das formas inteligíveis

5. Método da *hipótese*

6. filósofos vs. disputadores

III. Interlúdio didático (102a-b)

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

IV. Último raciocínio (102b-107a)

1. O paradoxo da dupla relação e o princípio da exclusão dos contrários
2. processo recíproco de geração pelo contrário (das coisas); formas contrárias não admitem transição entre si
3. extensão do princípio da exclusão dos contrários: frio-quente; neve-fogo
4. discernimento de causas inteligíveis e sensíveis
5. corpo é vivificado pela alma, que é imortal
6. por ser imortal, a alma é indestrutível

VI. Transição: seguir o raciocínio, contar uma história (107a-108e)

1. consequência moral da imortalidade da alma: julgamento e punição-purgação
2. guia-condutor nos caminhos dos Hades
3. almas filosóficas (desprendidas do corpo) – deuses como guias – morada apropriada

VII. Mito da Terra: destino das almas (108c-115a)

a. alegoria da terra

1. o homem não está à altura de contemplá-la devidamente
2. belo mito da constituição da terra
3. balão de couro de 12 peças de cores diferentes
4. analogia espacial terra (" cá de baixo ") e montanha (" lá ")
5. pedagogia do olhar
6. critério hierárquico da pureza

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

b. o interior da terra

7. imagem das gradações *intercomunicáveis* da realidade
8. apropriação “sincrética” e “heterodoxa” de Homero
9. Tártaro
10. respiração – movimento; fluxo contínuo, circular da natureza
11. Geografia escatológica: quatro rios

c. o destino das almas

12. condução por um *daimon* particular para o julgamento
13. lugares intermediários, provisórios
14. sofrimento, castigos de purgação: “perdão” das vítimas
Noção cristã de perdão (ausência de merecimento)
15. hierarquia: Terra – moradas subterrâneas

d. conclusão: exortação escatológica final

16. antecipação da bem-aventurança
17. discurso poético, simbólico, aproximativo; necessidade do mito; apelo à imaginação e à emoção

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

VIII. Desfecho dramático: a morte de Sócrates (115a-118a)

1. superação do herói trágico? (Filosofia como *consolatio*, Boécio)
2. banho: imagem da purificação do corpo
3. cuidado de si: ser virtuoso é sempre a melhor coisa para todos
4. Críton: preocupação horizontal, cotidiana
 - 4.1. Dimensão meramente psicológica ("pensamento positivo" da autoajuda)
 - 4.2. Pergunta como deve enterrar o corpo de Sócrates
 - 4.3. Sócrates – novo herói, humanidade
 - 4.3.1. Herói cósmico cômico, demoníaco
 - 4.3.2. Filosofia ordena a alma na estrutura do cosmo, destinando a alma à eternidade pela ascese
5. imprecisão da linguagem
6. conformidade política com as leis
7. infortúnio da orfandade
8. imagem do crepúsculo
9. carcereiro chora, reconhece a nobreza de Sócrates
10. Críton: satisfazer o corpo antes de morrer; o ridículo de economizar "o que já não existe"
11. tranquilidade, imperturbabilidade (ideal estoico de sabedoria, *apatia*)
12. libação com a taça de veneno pedindo aos deuses uma feliz passagem
13. choro dos discípulos-amigos
14. "devemos um galo a Asclépio" : deus da *medicina*, filho de Apolo
 - 14.1. Agradecer por tê-lo curado da vida (doença) [Nietzsche]

Curso: Direito - Módulo: Ética dos Direitos Humanos

Aula 7. Fédon II: A imortalidade da alma e a segunda navegação

- 14.2. Pedir a cura de Platão, que estava doente neste momento
- 14.3. Agradecer o “remédio” da escrita de Platão, que “cura” o esquecimento do ensinamento exclusivamente oral de Sócrates
- 14.4. Galo tem poder de afastar os males para além da morte
- 14.5. Sucesso do exame dialético de quem se sente curado, purificado da ignorância pela “medicina filosófica”
- 15. olhar parado: já não procura nada no âmbito sensível
- 16. “o melhor, o mais sábio e o mais justo”

Bibliografia

I. Obras de Platão

Fédon. Edição Bilingue. Coleção Os Diálogos de Platão. Vol. 2. Tradução Carlos Alberto Nunes. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

Apologia; Críton. Edição Bilingue. Coleção Os Diálogos de Platão. Vol. 5. Tradução Carlos Alberto Nunes. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

Laques; Eutírfon. Edição Bilingue. Coleção Os Diálogos de Platão. Vol. 6. Tradução Carlos Alberto Nunes. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

PLATON, *Apologie de Socrate; Criton*. Tradução, notas e introdução de Luc. Brisson. 3ª ed. corrigida. Paris: Flammarion, 2005. pp.75-78.

PLATON, *Lachès. Euthyphron*. Tradução, notas e introdução de Louis-André Dorion. Paris: Flammarion, 1997. p.192.

PLATON, *Phedon*. Tradução, notas e introdução de Monique Dixsaut. Paris: Flammarion, 1991.

II. Demais autores

ALBERT, K. *Platonismo. Caminho e essência do filosofar ocidental*. São Paulo: Loyola, 2011.

BARTLETT, R. *Masters of Greek Thought: Plato, Socrates, and Aristotle*. Virginia: The Teaching Company, 2008..

Bibliografia

GOLDSCHMIDT, V. *Os diálogos de Platão. Estrutura e método dialético*. São Paulo: Loyola, 2002.

HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.

HÖSLE, V. *Interpretar Platão*. São Paulo: Loyola, 2008.

JAEGER, W. *Paidéia. A formação do Homem Grego*. São Paulo: M.Fontes, 2010.

JOHNSON, P. *Sócrates. Um homem do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MATTÉI, J.F. *Platão*. São Paulo: Unesp, 2010.

NUSSBAUM, M.C. *A fragilidade da bondade. Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. SP: Martins Fontes, 2009.

REALE, G. *História da filosofia grega e romana v. III-Platão*. São Paulo: Loyola, 2007.

ROOCHNIK, D. *An Introduction to Greek Philosophy*. Virginia: The Teaching Company, 2002.

ROUGE, C. *Compreender Platão*. São Paulo: Vozes, 2005.

SANTOS, J.T. *Para ler Platão. Tomos I-III*. São Paulo: Loyola: 2008-9.

SPINELLI, M. *Questões fundamentais da filosofia grega*. São Paulo: Loyola: 2006.

SZLEZÁK, T.A. *Ler Platão*. São Paulo: Loyola, 2005.

SUGRUE, M. *Plato, Socrates and The Dialogues*. Course guidebook. Virginia: The Teaching Company, 1998.

TRABATTONI, F. *Platão*. São Paulo: Annablume, 2010.

VAZ, H.L. *Escritos de filosofia VII. Platônica*. São Paulo: Loyola, 2011.



Curso: Filosofia - Módulo: Julgamento de Sócrates

Bibliografia

_____. *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*. São Paulo: Loyola, 2012.

VEGETTI, M. *Um paradigma no céu. Platão político, de Aristóteles ao século XX*. São Paulo: Annablume, 2010.